

# humanitas

Vol. XXIŽJ J ;;

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XXI E XXII



COIMBRA  
MCMLXIX-LXX



ultrapassou as fronteiras da Itália e A. Vidmanová recolheu 18 códices desde a Polónia, à Checoslováquia, Inglaterra e centro da Europa. O estudo de Rino Avesani, de 1965, acrescentou mais 6 códices que A. V. ainda pôde utilizar.

A poesia em si sofre de falta de ordem na exposição e ao longo dos tempos foi contaminada com exemplos ou histórias edificantes, em prosa, que esta edição crítica relegou para um apêndice.

O trabalho de A.V. é baseado em 26 códices. O texto poético (pp. 41-102) é constituído por 936 versos. A técnica usada é a mesma da obra anterior para os três aparatos críticos, dos quais o segundo nos parece desnecessário, pois os seus elementos poderiam ser incluídos no actual terceiro aparato. Semelhantes comentários poderíamos, pois, fazer, quanto ao processo de apresentar as variantes.

Anotemos que ao estudar criticamente a expressão *invidiamque fuges* (v. 794) a organizadora do texto procurou justificar Bonvesin dizendo: *Bonvicinus posuit fortasse fuges pro fugies eodem modo pronuntiato*. Há pois a preocupação de descobrir o tipo de pronúncia de cada época. A edição de Franceschini é corrigida frequentes vezes.

Em *Addimenta* temos 8 exemplos morais que se haviam introduzido no texto. Agora, sim, A.V. utiliza só dois aparatos críticos: — o das fontes e o das variantes. Curioso será notar que o *exemplum III* apresenta a história de um criado que tramava a morte de um colega numa fornalha ardente, mas acabou por ser ele próprio queimado vivo, pois a pretensa vítima havia-se entretanto demorado um pouco a ouvir missa numa igreja. Como se sabe, esta historieta é contada também na vida de Santa Isabel de Portugal. O aparato das fontes diz: *Haec fabula Indicae originis in Arabia perulcata magno fauore fruebatur in Europa occidentali*. Aqui fica a achega para os biógrafos da padroeira de Coimbra.

J. G. F.

**Tabula Imperii Romani (Romula, Durostorum, Tomis)**, Académie de la République Socialiste de Roumanie, Bucarest, 1969, pp. 80 + 1 mapa.

O Instituto de História e de Arqueologia de Cluj (Roménia) meteu ombros à reconstrução de todas as localidades que faziam parte do Império Romano na zona Nordeste da Europa. Numa *tabula* anterior foi estudada a parte Ocidental da actual Roménia. A *tabula* presente ocupa-se da área Oriental, dividida nas seguintes regiões: a *Dacia* (subdividida em *Porolissensis*, *Superior* e *Inferior*), a *Schytia Minor* e a *Moesia Inferior*. Os maiores centros populacionais desta zona eram Romula, Durostorum e Tomis, ou seja, na nomenclatura actual, Resca, Silistra e Constanta.

O estudo envolve simultaneamente um processo de investigação em fontes históricas, literárias, geográficas e em pesquisas arqueológicas. É, pois, fruto de um trabalho de equipa, realizado por estudiosos pertencentes às Universidades de

Bucareste, Sofia e Iasi. Uma bibliografia abundante é colocada no princípio do volume, pois para ela remete o estudo de cada topónimo.

Um grande mapa anexo, na escala de 1 : 1.000.000 assinala todas as localidades que puderam ser situadas com segurança. De outras há apenas notícias vagas, pelo que são descritas no *índice*, mas não marcadas na *tabula*. Para explicar o mapa, a obra apresenta um completo índice alfabético de todos os topónimos. Vem sempre em primeiro lugar a designação latina, seguida por vezes do equivalente actual. Sobre cada localidade indicam-se as suas coordenadas geográficas, a província a que pertenceu na Antiguidade e em que se situa actualmente, uma breve resenha da sua história, o seu valor arqueológico e a bibliografia pertinente. Em muitos casos transcrevem-se mesmo passos de autores latinos ou inscrições encontradas no local.

Trata-se de um trabalho minucioso, feito com grande rigor científico, digno de todo o apreço e que deverá servir de estímulo a outros países que ainda não levantaram a sua carta topográfica da ocupação romana no seu território. O valor didáctico da obra é evidente.

J. G. F.

VIMALA DEVI E MANUEL DE SEABRA — **A literatura indo-portuguesa**,  
Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1970, I vol. 369 pp.;  
II vol. Antologia, 448 pp.

Os autores dispõem de vasta cultura histórico-literária, tendo produzido uma obra modelar, de verdadeiro nível científico. O cap. II (pp. 39-68) é dedicado à língua na Goa portuguesa. Aí se agitam questões de grande interesse filológico, dado que o português não é, no território em estudo, senão um *superstato*. Há uma busca sobre a língua dos aborígenes, possivelmente dravídica, depois dominados por elementos brâmanes, de origem indo-europeia. Assim se explica a persistência do sânscrito nos livros sagrados e a do *concanim* como língua comum. Prova-se que o *concanim*, através do *prácrito*, está mais próximo do sânscrito do que o *marata*. Incompreensivelmente, a dominação portuguesa nunca se interessou pelos aspectos linguísticos do *concanim*, contra o qual se tomaram até severas medidas. Por isso está por fixar ainda hoje um sistema seguro e oficial de transliteração para o alfabeto romano. Após estes aspectos gerais, estudam-se (pp. 56-57) os lusitanismos entrados no *concanim*, os quais, segundo S. R. Dalgado, atingem cerca de 10% do vocabulário coloquial e, em seguida, as características fonéticas, morfológicas e sintácticas do português de Goa (pp. 57-60).

A presença portuguesa tendeu em grande parte à ocidentalização da cultura goesa. Assim, nas numerosas escolas abertas no século XVI estudava-se latim e a própria gramática portuguesa era ensinada conjuntamente com a latina (pp. 92-93). E não se esqueça que entre os primeiros escritores oriundos de Goa se encontra o P.<sup>o</sup> André Baião (1556-1640), o qual «traduziu *Os Lusíadas* para latim e a *Eneida* para grego» (p. 108).